

**AS ORIGENS LITERÁRIAS MACHADIANAS:
UM OLHAR CULTURAL⁸⁶.**

Welton da Silva Cordeiro
weltonscordeiro@hotmail.com

“Machado de Assis era dotado de raro discernimento literário e adquiriu por esforço próprio uma forte cultura intelectual, baseada nos clássicos...”. (Candido, 2007, p. 65)

Como nos afirma Candido, as leituras dos clássicos influenciaram de forma contundente no processo de formação cultural de Machado de Assis.

Utilizaremos algumas de suas obras e considerações de autores críticos que corroborem com nossas afirmações, conferindo assim a Machadinho⁸⁷ toda sua destreza compositora, não a uma dádiva divina, mas sim ao seu esforço e aguçada vontade de ler, reler, interpretar; para assim aprimorar seus conhecimentos, reinventando, [re]criando novos clássicos.

Temos consciência de que a preocupação de Machado em ter em suas obras a melhor formação possível é de maneira corrente e confirmada em suas notas de edição, como notamos:

⁸⁶ Um trabalho com esse mesmo título foi apresentado por nós no I Encontro Intercampi de letras, na UnESa, porém estão está acrescentadas várias outras considerações que nos pareceram pertinentes e enriquecedoras, divergindo bastante do outrora apresentado.

⁸⁷ Aplicamos tal forma de tratamento a Machado de Assis não com a intenção depreciativa, tampouco por passo de intimismo, utilizamos o referido tratamento com a única intenção de provocar no leitor a seguinte busca pela explicação do uso desse termo, e agora vamos a ela: Machadinho era uma forma de tratamento usada por Carolina a Machado em suas cartas pessoais, cartas essas as quais merecem um vasto estudo que em muito desmistificariam o conceito que normalmente encontramos sobre Machado. Homem “casmurrão”, pessimista, descontente com a vida; entendemos e identificamos uma vida amorosa intensa com sua mulher, um trato dispensado a pessoas que no mínimo não podem ser fechadas para o mundo, convencemo-nos de que a ironia pessimista só se encontra em suas obras ficcionais, ao dirigir-se a sua amada Carolina, utilizava a ironia de um homem apaixonado, vivo e vivendo seu amor, encontramos um detalhe não muito abordado sobre nosso autor; o lado Machadinho que Carolina conhecia.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Este foi meu primeiro romance, ai vão muitos anos. Dado em nova edição , não lhe altero a composição nem o estilo, apenas troco dois ou três vocábulos, e faço ou quais correções de ortografia. Como outros que vieram depois, e alguns contos e novelas de então, pertence à primeira fase da minha vida literária. (Machado, 1972, p. 8)

E ainda:

Esta nova edição de Helena sai com várias emendas de linguagem e outras, que não alteram a feição do livro. Ele é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me foi depois, correspondendo assim ao capítulo da história do meu espírito naquele ano de 1846.

Não me culpes pelo que lhe achardes romanesco. Dos que não fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço em eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênuas. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo. (Machado, 1973, p. 6)

Percebemos que todas essas mudanças que Machado refere-se, estão ligadas a um ganho cultural do escritor, que com o tempo consegue criar um novo estilo para seus romances, suas crônicas, seus contos, em suma, um novo estilo de criação demarcado, por ele próprio, como primeira e segunda fase.

José de Nicola, em seu livro *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*, interpreta que o trecho “me fui a outras e diferentes páginas” seja uma alusão há novos caminhos, páginas realistas.

Discordamos de tal interpretação, Machado não se referia a páginas realistas, mas sim a páginas compostas agora com bagagem cultural estabelecida, sem a inocência de sua inicial literatura.

Muito se observa de correspondência com grandes obras, mesmo em seu romance de estréia, *Ressurreição*, encontramos várias referências; citemos algumas:

*“Our doubts are traitors
And make us lose the good we oft might win
By fearing to attempt”.*

A citação é da peça *Medida por medida* (c. 1604), de Shakespeare. A passagem está no ato I, cena iv. Traduzindo: "Nossas dúvidas são traidoras / E nos fazem perder o bem que muitas vezes poderíamos conquistar, / Por medo de tentar. (Machado, 1963, p. 8)

Escudo de Aquiles

O escudo de Aquiles, confeccionado por Hefesto (ou Vulcano) é descrito no canto XVIII da *Iliada*. Aquiles, filho de Peleu e Tétis, é o principal herói dessa epopéia, que

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

narra o último ano da Guerra de Tróia. A autoria dos poemas épicos a *Ilíada* e *Odisseia* foram atribuídos a Homero, poeta grego, que teria vivido no século IX a.C. (*idem*,10)

Nostalgia da imoralidade

A "nostalgia da imoralidade" é uma expressão que parece ecoar a "nostalgia da lama", que consta em *Le Mariage d Olympe (O casamento de Olímpia)*, de 1855, na qual Émile Augier defende a idéia de que o que faz uma mulher ser prostituta é, em princípio, uma propensão inata para o vício. No Brasil, a peça foi proibida pela censura nos anos de 1850-60 e só foi representada em 1880. Machado traduziu-lhe algumas cenas. Émile Augier (1820-1889), poeta e dramaturgo francês, revela em suas obras preocupações políticas e sociais. (*idem*,11)

Leonardo de Camões, "manhoso e namorado"

O poeta português Luís de Camões viveu de 1524 a 1580; é autor da epopéia *Os Lusíadas* (1572), de algumas peças de teatro e de uma poesia lírica de rara sensibilidade. Eis os versos, em *Os Lusíadas* 9: 75: "Leonardo, soldado bem disposto, / Manhoso, cavaleiro, namorado, / A quem Amor não dera um só desgosto / Mas sempre fora dele maltratado (...)" (*idem*, 23)

Parece filho daquele astrólogo antigo que, estando a contemplar os astros, caiu dentro de um poço. Eu sou da opinião da velha.

O título da fábula, na versão de La Fontaine, é "O astrólogo que se deixou cair num poço". Em Esopo, o título é simplesmente "O astrônomo". Jean de La Fontaine, fabulista francês, viveu de 1621 a 1695. O fabulista grego Esopo viveu no século VII a.C. (*idem*, 37)

Não adotou o método de Iago, que lhe parecia arriscado e pueril; em vez de insinuar-lhe a suspeita pelo ouvido, meteu-lha pelos olhos.

Iago é a personagem pérfida e má, da peça *Otelo* (1604), de Shakespeare, que, falsamente, convence Otelo de que a mulher, Desdémone, o trai com seu melhor amigo. William Shakespeare (1564-1616) foi um poeta e dramaturgo inglês, autor de mais de trinta peças de teatro e de uma belíssima poesia lírica; é considerado um gênio da literatura universal. (*idem*, p. 54)

Foram exemplificados diversos intertextos, que confirmam a erudição machadiana, mas ainda assim, nosso autor não estava satisfeito, buscava sempre novas leituras, estava atento ao que se produzia tanto em nossa terra Brasil, como na Europa, centro literário da época, não deixando de buscar nos antigos clássicos o "belo"⁸⁸.

⁸⁸ A esse belo, atribuímos às considerações feitas por Mario de Andrade, em seu livro *Obra Imatura*, no que ele dita que "o passado não era pra ser reproduzido, mas sim meditado", machado não reproduzia o passado tampouco obras alheias, entretanto as parodiava, cumprindo assim sua produção literária.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Machado buscava na França e Inglaterra, novas formas de estruturar, inovar o seu trato com a ficção, o Bruxo do Cosme Velho buscava o belo dos clássicos, reescrevia-os, parodiando-os, valorizando o que de importante outrora fora redigido, não os renegava, agregava o que lhe era conveniente para enriquecimento de seu fazer poético.

Em nota de advertência da primeira edição, do livro Ressurreição, Machado escreve; “com o tempo, adquire a reflexão o seu império, e eu incluo no tempo a condição do estudo, sem o qual o espírito fica em perpetua infância”, interpretamos aqui que o autor sabia da necessidade de se adquirir conhecimento, para com isso sustentar um crescimento intelectual, conseguindo assim “saltar” da inocência para a maturidade poética, pois um espírito que não usa o tempo com estudos fica em uma eterna infância.

Machado adotava a humildade de inspiração, pois não dava como suas as inovações redigidas em suas obras, citava os clássicos, os autores consultados para a feitura de suas obras, dava as origens das mudanças de seu trabalho artístico, a mudança de estilo de sua prosa fora citada em mais uma nota de advertência, confessando os autores que lhe suscitara tal diferenciação e inovação, por meio de seu personagem Brás Cubas⁸⁹:

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinqüenta, nem vinte, e quanto muito dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achara nele o seu romance usual, ei-lo, aí fica privado da estima das graves e do amor dos frívolos, que são duas colunas máximas da opinião. (Machado, s/d., p. 9)

E ainda:

Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre a roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida. (Machado, s/d., p. 7)

⁸⁹ Personagem esse livre para falar o que pensa, porque está morto, não é comprometido com nosso mundo, dele não faz mais parte, tem um olhar do além mundo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Machado nos apresenta seus autores, dando confissão de conhecimento profundo de suas obras e produções, deixando clara a noção de que aquisição do que lhe agradara. Buscou em Sterne e Xavier a estrutura de sua obra, e colocou na sua roda literária Garrett, comparando com Brás Cubas o estilo dos autores mencionados.

Deduzimos, então, que ao fazer tal aproximação, Machado nos informa que essa viagem de seu personagem pela vida, é nada mais que inspirada nas viagens de Sterne, Xavier e Garrett.

Na Inglaterra, Machado buscou também Shakespeare, o lia, entendia como poucos suas obras, as representações teatrais eram sempre alvos de suas redações críticas (as representadas nos tablados cariocas de grande expressão), sobre tais apresentações, muito em especial eram as que tinham como artista João Caetano, famoso em sua época e muito presente nas críticas teatrais machadianas. Em seu romance inaugural, vimos anteriormente em uma nota à citação de Shakespeare, em que Machado atribui a composição da obra à “por em ação aquele pensamento de Shakespeare”.

De todas as leituras, a que nos chama mais atenção⁹⁰ é a de Luciano de Samósata, que nos dá uma resposta clara da nova forma de tratamento literário dispensado por Machado, forma essa enigmática e que para muitos críticos digna de vasto estudo. Vejamos uma citação de Alfredo Bosi, em *O enigma do olhar*, na qual encontramos numa nota de rodapé a seguinte consideração:

Quanto ao exame formal da linguagem machadiana, que inclui o estudo do discurso ficcional e das suas operações intertextuais, ainda há muito que se garimpar. Se os contemporâneos de Machado (Eça, Aluísio, Pompéia) dialogavam estilisticamente com os realistas e naturalistas (Flaubert, os Goncourt, Zola, Maupassant), o narrador da cabriolas de Brás Cubas se comprazia em reinventar a composição em vaivéns, as caixas de surpresa, o estilo joco-sério e a soltura da frase de Sterne, de Xavier de

⁹⁰ Pois nos contempla um estudo bem mais otimista das obras machadianas, retirando toda uma impressão de autor pessimista, amargurado e dando a devida valorização poética. Entendemos que o ideal poético está inserido no Bruxo do Cosme Velho “O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente” não reduzimos ao trato de que o autor, por configurar-se em composições novas, diferentes para seus contemporâneos, que isso se devia a uma formação amarga da vida, por ser filho de família humilde, pela gagueira ou consequência de epilepsia, não seriam esses os atos determinantes para sua criação, mas sim experiências literárias, leituras que lhe influenciaram de forma categórica.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Maistre, de Garrett, desarticuladores da sintaxe clássica e criadores de uma escrita digressiva, metanarrativa, auto-irônica. O que é uma das faces da sua modernidade, esse conceito protético. As noções de *dialogismo e carnavalização* de Mikhail Bakhtin ainda poderão prestar bom serviço no cumprimento dessa tarefa analítica, desde que sejam adotadas *cum grano salis*. Mas, feitas as aproximações cabíveis, a interpretação histórica pede que se dê a Machado o que é de Machado: a sua perspectiva, o seu tom e os objetos que escolheu para assestar a sua mira. (Bosi, 2007, p. 162)

Um excelente estudo foi feito sobre essa aproximação de Bakhtin ao estilo machadiano, em que se identificou a carnavalização tão presente em sua composição que misturava o sério com o cômico, tratando as coisas cômicas com seriedade e as coisas sérias com ironia, foi o estudo de Enylton de Sá Rego, *O Calundo e a Panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéica e a tradição luciânica*, que consegue traçar de maneira coerente toda essa ligação de Machado e Luciano de Samósata.

José Guilherme Merquior com seu artigo, foi uma das fontes inspiradoras para o trabalho de Enylton, citamos um trecho:

Sabemos pelas citações de Machado que ele conhecia e apreciava a obra de Luciano -gulosamente lida na Renascença- e de seus imitadores Barrocos, como Fontenelle... E são realmente impressionantes as analogias de concepção e estrutura entre as grandes expressões do gênero cômico-fantástico e as Memórias Póstumas de Brás Cubas. Luciano possui até um personagem: o filósofo Menipo, que gargalha no reino do além-túmulo – em situação idêntica à de Brás Cubas (Merquior, 1977, p. 167-168)

Vemos que essa inovação com Brás Cubas, vem de uma de suas leituras, numa parodia a obra de Luciano, Machado de posse do que ele considerou belo cria sua nova obra, agregando cultura.

Ainda notamos que Machado dá importância considerada a Luciano, pois é esse autor o inspirador e norteador de autores lidos por ele, como Swift, Voltaire, Sterne, Robert Burton, Erasmo de Roterdão.

Em Teoria do Medalhão, há uma passagem na qual encontramos uma referência a Luciano como transmissor de conhecimento, de uma tradição.

Medalhão não quer dizer melancólico... Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltarie, feição própria dos céticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. (Machado, 1962, p. 294)

Além da interpretação, em que Machado nos revela um Luciano transmissor de uma tradição literária, que Enylton chama de tradição luciânica, ainda segundo ele Machado cria uma paródia em Teoria do Medalhão, no qual o texto de Luciano O Professor de Retórica teria sido a fonte inspiradora para a sua feitura.

Outra referência a ser digna de nota está no âmbito do pessimismo/negativismo, em que muitos atribuem a tão festejada frase de Brás Cubas que encerra o romance: “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”, como uma afirmação de cunho pessoal do autor, conforme é de conhecimento de todos, Machado não teve filhos; entretanto não por causa disso Machado exporia tal coisa em seu livro, essa passagem também decorre da tradição luciânica, de paródias, reescrever o que outrora foi dito. Notamos na seguinte passagem de Robert Burton: “Não sou rico, não sou pobre; tenho pouco, e não quero nada... /Rio-se de tudo... Não tenho mulher nem filhos bons ou maus para suportar.” (p. 18)

Percebemos, então, que não veio inspiração pessoal, todavia, ele utiliza seus conhecimentos adquiridos com seus estudos literários, consegue utilizar a paródia para escrever tão enigmática obra, recurso muito utilizado pelo mesmo Luciano e também por Robert Burton, nessa sua obra Anatomia da Melancolia, é recheada de paráfrases, seguindo assim a já citada tradição luciânica.

A busca por conhecimento foi determinante para a elegância, o fino trato, a tão enigmática forma de composição conduzida por Machado; em nada podemos aceitar considerações de cunho sobre a pessoalíssima pessoa de Machado, para justificar seu estilo de escrever/criar/inovar:

O estilo de Machado de Assis, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata de seu espírito, se sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não vivace, nem rútilo, nem grandioso, nem eloqüente. É plácido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente, do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem.

Machado de Assis repisa, repete, torce e retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que as deixa-nos a impressão dum talou qual tartamudear. Esse vezo, esse sestros, tomado por uma coisa conscienciosamente praticada, elevado a uma mani-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

festação de graça e “humor”, era resultado de uma lacuna do romancista nos órgão da palavra (Romero, 1980, p. 1506)

O que notamos nessas considerações feitas por Romero, é que um vasto desconhecimento das origens da composição machadiana, não entendendo o que ele ali buscava, o ataca com o argumento de ser gago, e por essa razão Machado utilizara dos versos curtos, os capítulos curtos, a forma truncada do romance se devia, para Romero, a gagueira machadiana, não a uma inovação e descobrimento de novas fontes literárias.

Essas novas fontes literárias enriqueceram de tal maneira que lhe rendeu frutos preciosismos, suas obras, tornando-se grandes clássicos da literatura nacional.

Vimos neste estudo e concluímos que Machado buscou de forma incisiva em leitura de clássicos, sobretudo os Gregos e, pois mesmo quando lia autores franceses ou ingleses em sua maioria eles também eram influenciados por clássicos gregos, Machado os buscou os utilizou de forma magistral com paródias, intertextos, valorizando seu ato criativo. Nosso autor consegue com essa busca valorizar o cenário literário nacional, equiparando as suas obras com os grandes clássicos mundiais, suas obras não são tão somente nacionais, mas sim pertencem à comunidade literária universal, nem deixam, contudo de ter seu apressamento nacional, pois ela transportava todas essas suas condições de paródia com fatos locais brasileiros, trazendo assim para nosso cenário nacional uma abordagem universal, como Shakespeare está universalizado e intimamente ligado a Inglaterra; Machado é universalmente brasileiro, e suas origens literárias estão pautadas nesse universo literário clássico e contemporâneo a sua época, trazendo consigo uma sinistra e inovadora forma de compor para os não conhecedores desses clássicos. Tentamos aqui, corroborar ao forte pedido de Bosi em dar a Machado o que é de Machado.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

DE NICOLA, José. *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. 15ª ed. São Paulo: Scipione, 1998.

MACHADO DE ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3ª ed. São Paulo: Instituto de Divulgação Cultural, [s/d.].

———. *Ressurreição*. São Paulo: Instituto de Divulgação Cultural, 1963.

———. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1986.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: Breve História da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SÀ REGO, Enilton José de. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.